

Tatiana Bubnova
Nathan Bastos de Souza



**Tradução, recepção e exegese nas
obras de Bakhtin e do Círculo:
dialogando com Tatiana Bubnova**


Pedro & João
editores

Tatiana Bubnova
Nathan Bastos de Souza

**Tradução, recepção e exegese nas obras de Bakhtin
e do Círculo: dialogando com Tatiana Bubnova**

Copyright © Tatiana Bubnova e Nathan Bastos de Souza

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora e do autor.

Tatiana Bubnova; Nathan Bastos de Souza

Tradução, recepção e exegese nas obras de Bakhtin e do Círculo: dialogando com Tatiana Bubnova. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 40p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-5869-823-4 [Digital]

1. Entrevista. 2. Mikhail Bakhtin. 3. Círculo de Bakhtin. 4. Tatiana Bubnova. I. Título.

CDD – 410

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Tradução: Nathan Bastos de Souza

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/ Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2022

PREFÁCIO

A professora Tatiana Bubnova é responsável por traduzir a maior parte das obras e é importante divulgadora das ideias de Bakhtin e seu Círculo em língua espanhola. É graduada na Universidade Estatal de Leningrado (São Petersburgo), com especialidade em Literatura Hispânica. Fez estudos de doutorado no Colégio do México (1975-1978), com especialidade na literatura do Século de Ouro. Pesquisadora no Instituto de Investigações Filológicas da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) desde 1979. É professora na Faculdade de Filosofia e Letras da UNAM desde 1982.

Este e-book nasce da necessidade de divulgar as ideias contidas no texto que segue. Vou narrar um pouco a história das relações que estabeleci com a professora entrevistada e também dizer das condições que geraram este trabalho a quatro mãos¹.

Durante o ano de 2020 estive em contato, mais uma vez, com a professora Tatiana Bubnova. O diálogo que travamos não se deu apenas nestas circunstâncias, para uma entrevista, agora aqui publicada. Vem desde antes. Quando em 2016 começamos a trocar e-mails para acertar como funcionaria a tradução que eu estava preparando de alguns de seus textos, que depois seriam publicados na coletânea “Do corpo à palavra: leituras bakhtinianas”², se

¹ A entrevista foi realizada em espanhol exclusivamente por meio de trocas de e-mails entre a entrevistada e o entrevistador, no ano de 2020, entre os meses de julho e outubro. Os últimos ajustes e a versão final foram preparados nos primeiros dois meses de 2021. A tradução do espanhol foi realizada por Nathan Bastos de Souza

² BUBNOVA, T. Do corpo à palavra: leituras bakhtinianas. Tradução, organização e notas de Nathan Bastos de Souza. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

instalou uma relação de aprendizagem muito importante para mim, um jovem estudante dos textos bakhtinianos.

No momento em que instalei esse canal de comunicação por escrito com a professora Bubnova estive em contato, ainda que virtual, com a amplitude de sua reflexão. E aprendi muito, tenho certeza. Eu era um leitor ávido de seus textos desde antes, tanto que na coletânea mencionada acima escolhi uma boa parte dos capítulos a partir daqueles artigos publicados em revista que já conhecia. Também com esse livro enfrentei pela primeira vez a empreitada de traduzir um conjunto de textos com aquela importância, com aquela potência de dizer. Essa foi outra tarefa que tenho a mais plena certeza que aprendi com os textos da professora Bubnova. Depois da publicação daquele livro ainda traduzi outro texto da autora “Para além da ‘etnoficção’, ou quando o outro fala”³ para uma coletânea organizada por Liana Arrais Serodio e por mim.

Desse contato tão frutífero ainda me parecia haver a necessidade de tocar em questões em específico, aquelas que me inquietavam como leitor de seus textos. De várias dessas inquietações organizei algumas, aquelas que fossem suficientes para realizar uma entrevista com a autora.

Aproveitei o isolamento social ocasionado pela pandemia de Coronavírus, em 2020, para iniciar essa série de trocas de e-mails em que tratamos de muitos assuntos relacionados à tradução, à recepção e à exegese da obra de Bakhtin e do Círculo. Entre os meses de julho e outubro de 2020 construímos esse material a quatro mãos. Em final de 2021 veio a público essa entrevista no original⁴, em língua espanhola, por meio do dossiê temático “Estudos Bakhtinianos contemporâneos”, na revista *Letras de Hoje* (Vol. 53, n. 3, 2021), da Pontifícia Universidade Católica do Rio

³ BUBNOVA, T. Para além da ‘etnoficção’, ou quando o outro fala. In. SERODIO, L. SOUZA, N. B. *Saberes transgredientes*. (Orgs.). São Carlos: Pedro & João Editores, 2018, pp. 215-239.

⁴SOUZA, N. B. (2021). Questões de tradução, recepção e exegese das obras de Bakhtin e seu Círculo: Uma entrevista com Tatiana Bubnova. *Letras De Hoje*, 56(3), 751-768. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2021.3.40141>

Grande do Sul⁵. Constituí a entrevista com sete perguntas em que Bubnova discute diferentes temáticas à luz dessas três linhas-mestras *tradução, recepção e exegese*. A tradução do espanhol para o português do texto apresentado a seguir é de minha inteira responsabilidade.

Desejo uma excelente leitura!

Nathan Bastos de Souza
Outono de 2022.

⁵ Agradeço o trabalho realizado pela editora da PUCRS a respeito dessa versão em espanhol do texto e a disponibilidade para publicar em português à profa. Regina Kohlrausch, editora da revista *Letras de Hoje*.

Tradução, recepção e exegese nas obras de Bakhtin e do Círculo: dialogando com Tatiana Bubnova

A reflexão de Tatiana Bubnova no campo dos estudos bakhtinianos e suas contribuições com as traduções ao espanhol das obras de Bakhtin e seu Círculo já são bastante conhecidas entre os especialistas na área. Nesta entrevista, Bubnova trata de questões que envolvem a tradução da obra, a recepção e a exegese que recebeu no Ocidente. A entrevista é constituída por sete perguntas nas quais Bubnova discute como começou a traduzir os autores russos; como compreende o problema da voz do tradutores nas traduções; a questão da terminologia especializada nas traduções em distintas línguas; o entendimento dos textos do Círculo em tempos imprevistos por seus autores; a tradução inversa; o tema da “Bakhtin Industry”, dá indicações de leituras de outros bakhtinistas e projeta uma espécie de itinerário de leituras para alguém que se introduzirá a esses textos.

NBS: Estimada professora Bubnova, quero agradecer primeiramente a generosidade de aceitar meu convite para uma entrevista. Começo por perguntar-lhe, como uma forma de introdução aos temas que trataremos ademais de conectar sua reflexão com sua trajetória como tradutora e especialista na teoria, como conheceu Bakhtin e como chegou a ser a tradutora de boa parte dessa obra ao espanhol?

TB: Estimado Nathan: Bom, vamos tentar. Entendo que você supõe que um diálogo assim vai permitir entender melhor ao enigmático Bakhtin.

Bom, primeiro li a *Poética de Dostoiévski*⁶ em francês, com a introdução de Kristeva intitulada "Une poétique ruinée"⁷ em 1976, quando fazia estudos de doutorado. Durante meus estudos na União Soviética não soube nada de Bakhtin (sou hispanista; talvez alguns professores falassem dele nas aulas de teoria russa). Era uma figura fora do *establishment*, promovido por seus novos discípulos que surgiram do nada. Foi o texto teórico ou de pensamento que mais me impressionou em minha vida até aquele momento, talvez até hoje. Sobretudo porque Dostoiévski foi para mim o autor russo mais importante, e segue sendo. Depois me enviaram esse livro em russo de Leningrado. O segundo livro que li, que não estava traduzido a nenhuma outra língua estrangeira ainda, foi *Questões de literatura e estética*⁹, publicado em 1975; trata-se da compilação que contém "A palavra no romance"¹⁰. Traduzi por minha conta "A palavra no romance" e a fiz circular entre colegas e estudantes; com uma digitação às pressas, mal feita, se quer levava o nome da tradutora: se tratava de um texto feito para o trabalho cotidiano, para poder compartilhar aquilo que ninguém em meu entorno conhecia. No México ninguém conhecia Bakhtin, salvo os doutorandos do Colégio do México através de Kristeva ou de outras mediações semelhantes.

Em 1979 obtive a *Estética da criação verbal*¹¹, o livro mais incompreensível para nossa mentalidade de então, e o traduzi ao espanhol também sem entender muitas coisas, mas já "oficialmente", sob um contrato. Saiu pela editora Siglo XXI em 1982: foi a primeira tradução desse texto a uma língua estrangeira, até onde sei. Não havia ninguém que pudesse me explicar, ou com

⁶ BAKHTINE, 1970.

⁷ KRISTEVA, 1970.

⁸ N.T. Os títulos de obras mencionadas no texto que possuem tradução serão apresentados traduzidos. No caso dos demais, conforme o idioma que aparece no original.

⁹ BAJTÍN, 1989a.

¹⁰ BAJTÍN, 1989b.

¹¹ BAJTÍN, 1982a.

quem discutir temas como “exotopia” ou “alteridade” ou ainda “bivocal” (isto é, a duas vozes): vivíamos no atraso estruturalista. No lugar do dialogismo circulava a prestigiosa “intertextualidade”. Escrevi a Kozhinov¹², um de seus primeiros “descubridores” e autor da nota biográfica da *Poética de Dostoiévski* de 1963, e me responderam através da agência oficial de publicações soviética (BAAPI), de uma maneira extremamente vaga e impessoal. Minha intenção ao trabalhar com os textos do *Estética da criação verbal* era, sobremaneira, fazer-me entender ao máximo, sem buscar perfeição estilística. Suponho que os leitores saibam que a maior parte daqueles textos foi publicada a partir de manuscritos, às vezes pouco legíveis, o que se percebe por meio dos comentários dos editores, diretamente no texto. Isso se refere especialmente a “Autor e herói na atividade estética”. Confesso que fui levada pelos preconceitos estruturalistas da época, de modo que me permiti “corrigir” Bakhtin no título: troquei “herói” por “personagem”, de acordo com a convicção positivista de que os personagens são “seres de papel”. Claro que são. No entanto, levei muitos anos para entender que aqueles de Bakhtin não eram tanto termos filológicos como conceitos filosóficos, que o “herói” resgatado do vocabulário dos antigos, representava para Bakhtin uma parcela da “realidade” revestida de forma literária, essa realidade era capaz de estabelecer com o “autor” um diálogo existencial que adquiria uma expressão específica chamada “literatura” para alguns.

NBS: Professora Bubnova, no prólogo¹³ à edição de 2009 de *Marxismo e filosofia da linguagem*¹⁴, de Volóshinov (Ediciones Godot, Argentina), a senhora afirma que a terminologia em diferentes línguas e versões não foi ainda unificada. Mas destaca que há um esforço nesse sentido, pelo menos em inglês. Como esse prólogo foi

¹² N.T. Os sobrenomes de autores russos foram mantidos conforme a transliteração ao espanhol feita por Bubnova. Justificamos essa escolha porque a transliteração que havia no original confere com as referências bibliográficas.

¹³ BUBNOVA, 2009.

¹⁴ VOLÓSHINOV, 2009.

preparado em 2009 e depois de sua publicação surgiram novas traduções dos escritos do Círculo de Bakhtin, penso especialmente em MFL (destaco pelo menos a tradução francesa, de 2010, por Sériot e Tylkowski-Ageeva e a tradução brasileira¹⁵, de 2017, de Grillo e Américo).

Desse modo, queria saber como a senhora vê o assunto da terminologia especializada, se ainda podemos afirmar que segue acontecendo o mesmo que em 2009 – não foi unificada nas demais línguas – ou se houve um avanço em um trabalho conjunto de tradutores de diversas línguas? Como se dá esse diálogo? Certamente, seria muito interessante que comentasse um pouco mais do papel do tradutor na divulgação do conhecimento de uma teoria como a bakhtiniana, já que muitos não leem o original sem tradução.

TB: Estimado Nathan, a pergunta formulada por você tem muitas implicações, diretas e indiretas. O caso do *Marxismo e filosofia da linguagem* é distinto de outros textos. O problema principal ali é o tratamento do conceito de enunciado e de certos termos de Saussure que no momento da elaboração daquele livro ainda não estavam traduzidos no léxico da linguística russa.

Não tenho dúvidas que a tradução de Sheila Grillo ao português e a da P. Sériot ao francês sejam traduções excelentes. E por certo deveriam introduzir certos ajustes devidos a esse desacordo com respeito à tradução ao russo. Você conhece a tradução ao francês do livro de P. N. Medvedev¹⁶ realizada por Bénédicte Vauthier? Contém uma importante introdução.

A edição de 2009 do *Marxismo e filosofia da linguagem*, de fato, é uma reprodução, quase sem alterações, da tradução¹⁷ que publiquei em 1992, pela Alianza Editorial, de Madri, com uma introdução de última hora, naturalmente, feita para Ediciones de

¹⁵ VOLÓCHINOV, 2017.

¹⁶ MEDVEDEV, 2008.

¹⁷ VOLOSHINOV, 1992.

Godot. Teve que ser assim dada a urgência que mostrava a editora, que queria ser a pioneira para a América Latina e para o mundo hispânico, em particular porque se havia revivido o interesse pelo livro, em parte pela atividade de Sériot, que era conhecida neste lado do Atlântico. Curiosamente, quase de imediato me solicitaram a autorização da Espanha, não lembro mais de qual editora, para o mesmo, e tive de dizer que a acabava de ceder à editora argentina (refiro-me ao ano de 2008).

A propósito, em 1976 apareceu na Argentina uma primeira versão desse livro em espanhol, sob o título *El signo ideológico y la filosofía del lenguaje*¹⁸, realizada por A. M. Rússovich a partir da versão em inglês. Trabalhei muitos anos com aquela versão e a confrontei com o original em russo. Consegui essa edição nos anos 70 de uma versão REPRINT nos Estados Unidos. Na União Soviética, naqueles anos, o livro de 1929 jamais foi reeditado. Isso apenas aconteceria na nova Rússia, no fim dos 90.

Da revisão da primeira tradução resultou que a terminologia que se introduziu em inglês se adequou àquela que estava em uso desde os anos 50. Um exemplo: você já sabe a importância que possui a ideia do ato, do ato ético, em Bakhtin. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, se usa “ato discursivo”, se quiser, com variantes. Na tradução inglesa¹⁹ aparece como *speech act*, e como *acto de habla* na tradução argentina, evidentemente tomando como modelo J.L. Austin. E são conceitos totalmente diferentes, como sabemos hoje, mas naquela época os textos fundacionais da teoria bakhtiniana, que incluem sua filosofia do ato, ainda não haviam aparecido nem mesmo em russo. Havia outros detalhes, algum fragmento que me parecia entendido exatamente ao contrário, mas deixei de lado tudo aquilo por muitos anos, até que me solicitassem as versões diretas do russo, nos anos 90, para Alianza, dentro do projeto de Iris M. Zavala²⁰.

¹⁸ VOLOSHINOV, 1976.

¹⁹ VOLOSHINOV, 1973.

²⁰ Conferir as obras da autora mencionadas na bibliografia.

Por sinal, *El signo ideológico y la filosofía del lenguaje* tem sua própria história política. Se atentarmos à ficha catalográfica, o ano é 1976. E em Buenos Aires. Você é muito jovem e pode carecer desse tipo de memória, mas era o ano do golpe militar na Argentina. Daí que o título tivesse que mudar, retirando “marxismo” da capa, sem trair, com certeza, o espírito do livro. Mas de todas as maneiras, toda a tiragem foi exilada no México, junto com a editora Nueva Visión, de onde foi distribuído.

Agora, a outra face do problema ao qual me referi anteriormente. Quando Volóshinov escrevia o livro, com ou sem a participação de Bakhtin, como você preferir (é outro problema), teve que utilizar a versão original em francês. A tradução para o russo demoraria bons anos para aparecer (tradução de Sukhotin, com revisão de Shor). Agora estou comprovando pela Wikipédia, me dão a data de 1933, e eu pensava que fosse um pouco antes, mas de qualquer modo Volóshinov teve que utilizar suas próprias versões da terminologia de Saussure, e nesse aspecto, sim, estou segura que foi influenciado por Bakhtin.

Então, nesse livro se usa a terminologia saussuriana distinta daquela que seria adotada oficialmente segundo a tradução de Sukhotin. E, sobretudo, isso se refere a conceitos básicos de “linguagem”, “enunciado”, “fala”, “discurso”, etc. Tudo isso aparece de forma bastante distinta em Sukhotin. Volóshinov usa *высказывание* onde aparece *langage*, e em outras ocasiões, *parole*. E usa *slovo*, de uma maneira muito bakhtiniana, que substituímos, muito imperfeitamente, por “discurso” e, às vezes, por “enunciado”.

Portanto, naquela época eu com toda consciência preferi adaptar a terminologia bakhtiniana ao espanhol, em vez de tomar por referente as versões oficiais dos linguistas russos. Porque até 1990 eu já conhecia *Para uma filosofia do ato*²¹. E naquela época me parecia que a presença de Bakhtin no texto assinado por

²¹ BAJTÍN, 1997.

Volóshinov era segura. Para explicar as razões daquela segurança, aqui não há lugar.

Quanto aos textos dos clássicos, existe a opinião que cada geração deve propor sua própria tradução de seus textos. Com Bakhtin acontece algo semelhante. Vejamos mais um exemplo. Há anos, chegou até mim, por via indireta, um questionamento de Sériot a minha tradução, particularmente sobre uma palavra peculiar, que é воплощённый, воплощение (encarnado, encarnação). Essa é uma tradução muito direta, mas em espanhol existe um sinônimo laico muito usado, que é *plasmар*. Essa é minha preferência para os textos dos anos 20, assinados por Volóshinov e Medvedev. Em russo, a conotação religiosa foi muito desprestigiada: perfeitamente se dizia “plasmар na vida as ideias do comunismo”, por exemplo. Ou “plasmар a imagem de um homem do futuro, da ideologia comunista, por exemplo, em um romance”. Ou algo desse estilo. E o Círculo de Bakhtin sem dúvida estava bem consciente disso: os anos vinte eram anos de uma perseguição religiosa muito severa, se introduziu uma ideologia ateuista oficial, e Bakhtin foi encarcerado e deportado justamente por participar do grupo do pensador cristão Meyer, “A ressurreição” (ou “Domingo”, porque em russo “domingo” quer dizer “ressurreição”, воскресение, porque se reuniam nos domingos, em воскресенье). Meyer sonhava unir o cristianismo com o socialismo. Todos os participantes foram considerados contrarrevolucionários e presos. Essa situação se assemelha ao destino da primeira versão argentina de *Marxismo e filosofia da linguagem*, livro que teve que emigrar em 1976.

As opções escolhidas pelo tradutor em geral são motivadas. Mas é difícil saber em cada caso concreto as razões da opção. Vou colocar um exemplo.

Nas traduções ao inglês, a palavra bakhtiniana “renascimento” (возрождение) aparece “corrigida”, em uma famosíssima frase de Bakhtin “Não há nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renascimento”, como *home-coming*. Bakhtin coloca “возрождение” no sentido de “voltar a nascer”, e

que coincide em russo com Renaissance como Возрождение, cobrindo o campo semântico de “ressureição”; se trata de um dos últimos, quem sabe o último texto escrito por Bakhtin. Sua proximidade semântica com “ressureição” é óbvia: a conotação enfática também. Parece-me muito estranho o uso de *home-coming* entre os especialistas; creio que foi intencional. Posso supor que era para retirar a ênfase dessa frase; por certo, podiam optar por *rebirth*. Nesse caso, as possíveis conotações religiosas não teriam porque ser eliminadas, o contexto é diferente.

Dessa forma, o tradutor, quando vai conhecendo os contextos históricos do surgimento das obras, e tomando em conta seus próprios contextos atuais, opta pela versão que lhe parece mais adequada por uma ou outra razão.

Parecia-me, e segue sendo assim, que convém manter as primeiras versões de Volóshinov com respeito à terminologia saussuriana adaptada ao russo, precisamente porque coloca de manifesto os vestígios do pensamento linguístico-discursivo bakhtiniano, que está emergindo naquele período. Em seus primeiros textos, “Autor e herói...²²,” “Problema do conteúdo, material...” escritos até 1924, chega ao problema do ato da linguagem, o enunciado/enunciação, e então na polêmica com Saussure e com a escola de Vossler está nascendo sua própria filosofia da linguagem, a parte talvez mais valiosa de seu legado.

Entretanto, o termo “enunciado” como versão de “vyskazyvanie” высказывание, em espanhol, francês, português, representa um problema precisamente por seu caráter de termo especializado. Porque está em uso, em espanhol, desde o interesse pela linguística de Benveniste, quem o introduziu. Em espanhol, o particípio passado substantivado “enunciado” não existia como tal. Usava-se como parte de verbos complexos, como particípio. Por isso é marcado, não soa “natural”. E “enunciação” também é uma palavra sofisticada para a fala cotidiana. É surpreendente a coincidência e a afinidade das ideias correspondentes de Émile

²² БАЖТИ́Н, 1982c.

Benveniste com as de Bakhtin, que estavam sendo gestadas na mesma época. Mas, claro, não houve nenhum contato entre ambos. Por essa afinidade, convém explorar os conceitos enunciado/enunciação, que se comprimem no vocábulo russo “natural” высказывание: pode utilizar para os dois conceitos, e nos conduz à ideia bakhtiniana do ato como enunciado e, mais ainda, evoca seu conceito de *simultaneidade* dos fenômenos, a simultaneidade do ato ético em sua expressão social com seu nível ontológico. Em Benveniste, o enunciado é o *resultado* do *processo* de enunciação. Em Bakhtin, o dado se opõe ao “planejado” (*projetado*). Isso se fundamenta na ideia de responsabilidade, que está enraizada no ato concreto, mas que é decisivamente ontológica. Daí resulta que não há alibi no ser.

Não sei até que ponto se estabilizou hoje em dia a terminologia bakhtiniana “internacional”. Convém recordar aquele fragmento de Bakhtin que sublinha o fato de os gregos antigos, os filósofos, não usaram o que se chama “termos”, palavras tomadas de outras línguas, preferindo palavras vernáculas para seus conceitos. Sob essa premissa, Bakhtin elaborou grande parte dos seus, que também em russo parecem estranhos, mas são reconhecíveis. Você deve saber quantas tentativas houve para expressão *внеаходимость*: *outsideness*, *exotopy*, etc. Em minha primeira versão propus “extraposición”, que ao menos soa explicativa, e até agora no México há alguns que a usam. O mesmo acontece com minha “pluralidade discursiva” (*многоречие*, *разноречие*), ou seja, heteroglossia. Em seu tempo, Todorov me criticou, dizendo que *éxotopie* e *hétérologie* que ele propôs, eram conceitos, e era o importante. Como você sabe, heteroglossia, introduzida por M. Holquist, triunfou sobre a heterologia, também porque foi usada para outros propósitos. Naquele momento (até 1980), se desconhecia o fragmento bakhtiniano sobre os termos, ao que acabo de me referir.

De fato, muitos dos problemas e das contradições nas interpretações de Bakhtin se devem à publicação a-cronológica de sua obra, e à absoluta ausência do contexto em que se havia levado

a cabo. O que dá por resultado são refrações dialógicas dos conceitos em um cronotopo distinto, resumido e seguindo os conceitos de Bakhtin/ Volóshinov.

Bom, Nathan, por agora parece suficiente, se você deseja esclarecer ou ampliar algo, me comunique.

NBS: Professora Bubnova, seguindo nossa conversa, nesse contexto de compreensão da obra nos tempos muito posteriores e imprevistos por seus autores, lhe pergunto a respeito de uma afirmação sua em "Bajtín y la hermenéutica"²³. A senhora afirma que algumas ideias de Bakhtin desenvolveram outras linhas de investigação e conceitos que lhe foram atribuídos sem ser, como os exemplos da "imaginação dialógica" ou da "ventriloquação". É possível afirmar o mesmo a respeito da intertextualidade? Poderia comentar um pouco sobre esses conceitos que não estão em Bakhtin, mas apresentam uma determinada derivação desse autor?

TB: Nathan: Em primeiro lugar, podemos distinguir entre tropos impressionistas superficiais, como "imaginação dialógica" ou "ventriloquação". Ainda que se associem injustificadamente com o ideário bakhtiniano, sem pertencer-lhe, não alteram seriamente sua compreensão, facilitada graças a sua qualidade descritiva.

Há termos fantasma, derivados dos textos de Volóshinov e de Bakhtin, nos quais aparecem em meio de um contexto explicativo e não estão marcados como termos. Por exemplo, dentro da problemática da *palavra alheia*, um verdadeiro descobrimento de Bakhtin, surge a ideia de uma interação ativa entre o discurso do outro e o discurso do contexto que o engloba. Devido ao filtro das traduções, a expressão *bounded word* – traduzida como voz marcada – figura como termo marcado, supostamente bakhtiniano, nos escritos de Iris M. Zavala. Nas traduções de Michael Holquist encontramos, ao invés, *framing*, *speech act frames*, ou *an interpretative frame*, como alternativa para *boundedness*. Nas *Obras Completas*, em

²³ BUBNOVA, 2020.

russo, essa expressão (обрамление) não aparece especialmente comentada, apesar de que se pode encontrar sua fonte de origem alemã. Iris M. Zavala entende perfeitamente o contexto de problemas que suscita a interação da palavra alheia representada com seu contexto, assim como sua relação com o conceito de dialogismo, a intertextualidade, etc. não obstante, o termo *bounded word*, ou “voz marcada”, não se encontra nos textos de Bakhtin se o buscássemos por meio da tradução inversa. Iris Zavala o usava como um dos conceitos bakhtinianos centrais²⁴. Como resumo, se pode dizer, que o problema a que se referia Zavala aparece amplamente espalhado em Bakhtin, mas não há termo marcado por Bakhtin. É possível encontrar outros exemplos desse desenvolvimento criativo dos intérpretes das teorias bakhtinianas passadas por traduções.

Diferentemente, outros conceitos que por muitas razões – em primeiro lugar, devido à desordem da recepção dos textos – sendo importantes e influentes, não partem das mesmas premissas epistemológicas que as ideias de Bakhtin, mas remetem a um contexto vinculado ao pós-estruturalismo. Como pano de fundo está a linguística do texto, em seu impulso por abarcar fenômenos verbais maiores que a oração e a frase. Concebe o texto como um sistema análogo ao sistema da língua. E esse é o caso da “intertextualidade”, conceito que resultou muito produtivo para o exercício criativo dos teóricos do fim do século XX, para os quais representou um campo muito fértil.

Diante de tudo, porque Bakhtin não agiu, ao propor o dialogismo, como um linguista, nem como um teórico literário, que trabalha com os exemplos tomados das obras literárias, mas como um filósofo, que conversa com os autores analisados como entes, e inclusive com os heróis, que são parte da “realidade” filtrada pelas

²⁴ Ver, por exemplo, “Dialogía, voces, enunciado: Bajtín y su círculo”, en Graciela Reyes (ed.), *Teorías literarias en la actualidad*, Ediciones El Arquero, Madrid, 1989, pp. 79-134. Não é o único lugar em que a autora maneja a expressão como termo especializado. A própria “dialogia”, no lugar de “dialogismo”, “dialogicidade”, sendo palavra vernácula, se adapta muito bem às versões espanholas.

formas literárias. Concebida nessa forma, a obra literária é parte de uma realidade falante. Cito: “O objeto das ciências humanas é o Ser [existência] expressivo e falante. Esse Ser jamais coincide consigo mesmo e por isso seu sentido e significação são inesgotáveis” (*Obras completas*, vol. 5, Moscou, 1996, p. 8, a tradução é minha).

Em meu trabalho mais recente, coloco essas questões à luz da hermenêutica: Bakhtin não parte do texto para chegar ao diálogo, como Gadamer, mas do diálogo para chegar ao texto, porque o texto, finalmente, é uma realidade inevitável para fixar o vestígio do diálogo. Em seu texto fragmentário “Problema do texto” trata justamente disso, ao propor abordar o texto como se fosse, sobretudo, um enunciado.

Kristeva, no entanto, ao propor seu conceito de intertextualidade, parte da ideia de *écriture*, escritura, que a crítica francesa trabalha pelo menos desde Blanchot. Barthes, com seu *O grau zero da escritura*, teoriza a escritura e a relação do crítico com ela. E no trabalho seminal de Kristeva, “Bakhtin, a palavra, o diálogo e o romance”, encontramos essa situação desde as primeiras linhas: “Se trataria da lógica da linguagem (e *a fortiori* da linguagem poética) que “a escritura” [...] tem o mérito de colocar em evidência”. São as primeiríssimas linhas desse trabalho. Portanto, convém levar em conta essa distinção fundamental para refinar a compreensão.

De seu modo, Kristeva tem razão. A primeira realidade com a qual o analista é enfrentado é o texto, a escritura. Mas as consequências, sim, são graves. Como você sabe na linha de Barthes se chega à morte do autor. Na linha de Bakhtin, se chega à existência do “grande tempo”, à ideia de que a verdade como conceito dinâmico, como um devir no tempo, como a coexistência dos sentidos no “grande tempo”, que surge paralelamente em múltiplas consciências, etc. Kristeva sim percebeu a presença de um fundo metafísico na concepção bakhtiniana, quando na introdução da *Poética de Dostoiévski* reprovou o autor pela linguagem “*sourdement chrétien*”.

Nos desenvolvimentos da “intertextualidade”, se você revisar as distintas propostas em diferentes línguas e aproximações teóricas, cada pesquisador trabalha sua parcela e poucos se recordam da origem do conceito, que é o dialogismo, porque resulta impreciso para muitos. Mas também o é para a intertextualidade em suas diferentes versões. Por exemplo, por um lado Genette, com seus *Palimpsestos*, que se apropriou sem apontar o antecedente oral (ainda que conhecesse muito bem o contexto em que Kristeva propôs o conceito, porque parece que esteve presente quando de sua exposição) e, por outro lado, Paul Zumthor, que tem presente a oralidade, e coloca de relevo sua grande importância na literatura medieval. Por certo, o palimpsesto também nos remete a uma prática medieval, mas sem a necessidade de evocar a voz.

Desiderio Navarro, o grande tradutor e pesquisador cubano, erudito e promotor da teoria, atuou muito sabiamente, quando em sua primeira compilação sobre o tema, *Intertextualité. Francia en el origen de un término y el desarrollo de un concepto* (1997) fez justiça à teórica de origem búlgara ao antepor seu estudo introdutório sobre Bakhtin a todo o livro, no qual figuram Marc Angenot, Genette, Charles Grivel, Michel Arrivé, Lucien Dällenbach, Laurent Jenny, M. Rifaterre, P. Zumthor, etc. Depois chegaria *Intertextualität*, e a escola alemã, etc.

Alguns pesquisadores russos se indignam, creio que injustificadamente, dessa “tergiversação” ou até “perversão” das ideias de Bakhtin. Outros resgatam o valor heurístico dessas ideias, reconhecendo implicitamente a produtividade desses e outros desenvolvimentos dos *insights* que inicialmente podiam ser de Bakhtin, e que logo rompem as fronteiras nacionais ou políticas, e pertencem já ao mundo. O importante, como me parece, é que o mestre russo houvesse teorizado, mediante a explanação do dialogismo, esses desenvolvimentos na qualidade de respostas às perguntas suscitadas pelo dialogismo.

NBS: Professora Bubnova, nesse contexto de reler os originais em russo como a senhora comentou anteriormente, tendo em conta

essas questões de compreensão/leitura de Bakhtin sobre as quais estamos discutindo, tomei conhecimento de um texto seu “Tradução inversa”²⁵, publicado em um livro organizado por Zandwais e Vidon²⁶, no Brasil. Nessa muito interessante reflexão, a senhora defende a ideia da tradução inversa, entendida como voltar o texto traduzido a sua língua original para avaliar a compreensão da mensagem, e comenta a recepção nos anos 60 sob um código epistemológico muito distinto. Como a senhora avalia a possibilidade de voltar o texto traduzido ao original sem levar com isso um pouco de nós, isto é, uma leitura que já acentua o texto, já carregada de outras palavras?

TB: Bom, eu acredito que no artigo sobre a tradução inversa já menciono a tradução em si como um aspecto específico da recepção de um texto. Atualmente, a tradução se converteu em um objeto autônomo da pesquisa, e emerge uma disciplina nova da tradutologia. Graças a isso, podemos advertir que hoje há uma tendência para a “criatividade” e a “autonomia” do ao tradutor (fato que se põe de manifesto com o nome do tradutor estampado na capa ao lado do nome do autor, às vezes até com caracteres mais chamativos), frente a uma atitude tradicionalmente mais, digamos, modesta. Entre essas duas posturas extremas há uma infinidade de matizes que as teorias da recepção convidam a levar em conta. O legado de Bakhtin contém assim mesmo uma espécie de teorização sobre a recepção, sem que se converta em um ramo independente. Da mesma maneira que a recepção (compreensão) como campo de estudo, esse legado contém uma hermenêutica, uma filosofia da linguagem, etc. e qualquer compreensão, por força, vem a ser uma tradução. Tudo isso pode se construir em uma antropologia filosófica: desse ponto de vista, se observa a linguagem e a comunicação discursiva como o traço mais relevante e formativo do humano, que as disciplinas mencionadas estudam por separado

²⁵ BUBNOVA, 2019.

²⁶ ZANDWAIS, VIDON, 2019.

de diferentes ângulos. Se a questão for vista desse modo, sem dúvida sua pergunta contém em si a resposta, não lhe parece?

Contudo, os tradutores de Bakhtin se encontraram em uma desvantagem, diante dos aspectos da recepção e da publicação dos textos. Há, e segue havendo, uma brecha temporal, geracional, informativa e agora também “ideológica”.

E, bom, é importante recordar o ponto central dos teóricos da tradução e do discurso, como, por exemplo, Jakobson, que sublinham o que acabo de apontar: todo processo da compreensão em si é uma “tradução”: intralinguística, ou intersemiótica, depende do caso. O mesmo é explicado por Bakhtin, ainda que organize suas ideias de uma maneira diferente: a mensagem de saída nunca é idêntica à de chegada, e esse fato é também a fonte de que emergem os novos sentidos, o que em certa forma é garantia da permanência e da “imortalidade” do pensamento, pela riqueza da memória. Precisamos recordar a ideia de refração, em Volóshinov, que Bakhtin desenvolve. Devido a esse deslocamento de sentido, precisamos também repensar o conceito de erro, que é capaz de originar um novo diálogo levando em conta implicações semânticas inicialmente imprevistas. Há um crescimento produtivo do sentido, se a pergunta suscitada gera alguma resposta.

A operação de uma tradução inversa, especulativa em si, seria possível como um exercício limitado, e se houvesse dado um resultado surpreendente, suponho. É como comparar o carnaval teórico e utópico de Bakhtin com o fenômeno do carnaval brasileiro, mais especificamente, do Rio de Janeiro, que tem muito pouco em comum com o modelo bakhtiniano, como já nos mostrou em seu tempo Mónica Rector²⁷. Em um nível linguístico-semântico sim há um vínculo genético entre o carnaval bakhtiniano (“europeu”) e o que se chama “carnaval” em nossa América, mas o mecanismo social da introdução e do desenvolvimento do fenômeno é outro assunto. Outra vez, nos serve Walter Benjamin

²⁷ RECTOR, 1984.

(em “A tarefa do tradutor”²⁸), que entre seus exemplos mostra que o simples conceito “pão” se comporta de uma maneira diferente nos diversos âmbitos linguísticos e culturais. Todos esses aspectos da recepção de Bakhtin geraram já várias narrativas tendentes ao romanesco (existe uma compilação de ensaios sobre nosso pensador que se intitula *The Novelness of Bakhtin*²⁹, e não são todos os ensaios que se dedicam a sua teoria do romance).

Como se sabe, o crítico russo e soviético M. Gaspárov considerou o conjunto das ideias teóricas de Bakhtin como “romance”, introduzindo um cunho qualitativo entre “filosofia” (romanesca e arbitrária) e “filologia” (ciência “exata”, em seu conceito).

Eu proporia observar sob essa luz não ao próprio Bakhtin e os aspectos de suas teorias, do ato ético até o carnaval e a cultura popular, mas os avatares da recepção de seus conceitos e de sua peculiar tradução a línguas e contextos mais diversos.

Retomando o assunto do carnaval. Com o pano de fundo conceitual do carnaval bakhtiniano talvez tenham algo em comum as festividades das culturas indígenas americanas. Essas festividades, diferentemente, não coincidem com o ciclo europeu do carnaval, por sua base agrária. A relação do ser humano, no processo de trabalho que realiza sobre a terra para produzir alimento, com o cosmos, em um sentido amplo, relação que implica o sagrado e o profano, esse seria um campo de reflexão frutífero, mas com Bakhtin como um dos pontos de partida, em sua modalidade heurística.

NBS: Professora Bubnova, aproveitando essa discussão que estamos desenvolvendo sobre tradução e recepção das ideias de Bakhtin e seu Círculo, ademais de conhecer um pouco de sua reflexão e encontrar esse termo sempre em uso, me parece que poderíamos discutir o termo “Bakhtin Industry”, seria muito

²⁸ BENJAMIN, 1969.

²⁹ LUNDQUIST, 2000.

interessante se a senhora o colocasse em contexto pensando que nos lerá um grupo muito variado de pessoas que, quiçá, ainda não sabem de que se trata.

TB: De modo perspicaz, a fórmula “Bakhtin Industry” apareceu a meados dos anos oitenta em um artigo crítico sobre a proliferação dos estudos bakhtinianos que se tornavam uma moda acadêmica massiva. A partir de então, se converteu em uma fórmula, parcialmente depreciativa, que se referia a um uso e um abuso indiscriminado de conceitos, termos e às vezes ideias relacionadas com o nome de Bakhtin, mas não necessariamente provenientes de Bakhtin ou de seu Círculo (“intertextualidade, como outro nome para “plágio”, falando vulgarmente). Na realidade, o fenômeno da moda acadêmica, às vezes transformada em obsessão, às vezes oportunista, hoje em dia pode ser descrito por certas características acadêmico-sociais. Como já vimos, “Bakhtine” surge no horizonte dos estudiosos europeus e, mais tarde, americanos (já como Bakhtin), até 1966, apresentado inicialmente por J. Kristeva como uma grande novidade, e adaptado, com base em alguns textos acessíveis naquela época, a seus propósitos particulares, e ao horizonte de expectativas do grêmio acadêmico francês imerso no estruturalismo (estamos nos albores da desconstrução e com o despontar do pós-estruturalismo). A primeira tradução saiu em inglês, *Rabelais and his world*³⁰, acredito que em 1967, onde presenciamos já a “Bakhtin”. A essa transcrição interlinguística do nome do pensador se devem algumas reflexões teóricas posteriores.

Com a difusão de *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Volóshinov, começaram a ser impulsionados os estudos sobre o discurso: a linguagem em seus usos sociais concretos, na França, com a escola de Oswald Ducrot. Haveria uma sequela muito longa no âmbito internacional, vocês no Brasil o sabem muito bem, posto que esse campo se desenvolveu muito.

³⁰ BAKHTIN, 1968.

Contudo, é durante a época dos anos oitenta quando se transforma já em uma moda acadêmica, produzindo, no espaço principalmente universitário do mundo europeu, mas, sobretudo, norte-americano, um verdadeiro furor, que se tornou manifesto, talvez até 1986, em um dos congressos da *Modern Language Association*, quando em uma mesa dedicada a Bakhtin e seu Círculo houve espaço para as mais diversas tendências interpretativas. Críticos, professores universitários, doutorandos em diversos ramos das ciências humanas, mas, sobretudo na literatura e na filosofia, apresentaram suas dúvidas e *insights*, isso tudo em meio ao momento de ápice acadêmico da desconstrução.

As pretensões de abarcar, compreender e arredondar Bakhtin se revelaram bastante prematuramente: por exemplo, algum volume de “Rethinking Bakhtin” aparece em 1989, enquanto, volto a mencionar, um dos textos mais iluminadores, *Para uma filosofia do ato ético*, aparece em russo, apenas em 1986, e com recortes da censura. Esse desajuste seria um dos traços da *Bakhtin Industry* que, dessa maneira, pode remontar inclusive até a própria apresentação de Kristeva, de 1966, quando era impossível ainda ter um panorama histórico completo, apesar de já haver uma totalização. Com efeito, não podemos esquecer que nesses casos se trata também de um procedimento pedagógico comum: reduzir, classificar, totalizar.

Quais seriam as consequências da *Bakhtin Industry* que marcariam o processo dos estudos bakhtinianos no terreno dos estudos universitários?

1) Em primeiro lugar, uma comercialização editorial e acadêmica deu lugar à adaptação da recepção dos textos bakhtinianos às necessidades editoriais e educativas. No terreno da pesquisa, por exemplo, que logo repercutiria na maneira de “ensinar Bakhtin”, se buscou caracterizar a “totalidade” da produção bakhtiniana (recordo que, todavia, não havia um “corpus” mais ou menos completo, como segue incerto até o momento presente). Então, se tratou de organizar o material à disposição em forma cronológica, como partes de um processo

orgânico em desenvolvimento. Pautando-se em materiais e contatos acessíveis, Michael Holquist e Katerina Clark³¹ fazem a primeira biografia intelectual de Bakhtin, lançando-a em 1984. Acontece uma interpretação *sui generis* dos conceitos do Círculo de Bakhtin em “diálogo” com as ideias biológicas e sociais, por exemplo. Outra maneira de apresentar o “todo” seria aquela de Morson e Emerson³², em sua “prosaica”, que renunciava ao modelo linear e via uma ruptura no pensamento bakhtiniano com a introdução do conceito de carnaval. Precisamos reconhecer que, através dos anos, Caryl Emerson revisou e modificou sua atitude inicial a respeito das ideias relacionadas ao carnaval.

2) Qualquer novo texto de Bakhtin que aparece, se celebra com avidez e entusiasmo, às vezes produzindo importantes mal entendidos, assim aconteceria com o artigo “O vitalismo contemporâneo”³³, de 1925. A história desse texto é bastante controversa, de acordo com os pesquisadores russos, mas em um primeiro momento “O vitalismo contemporâneo” produziu um certo furor entre os “bakhtinistas” e os “bakhtinólogos”.

3) Em todas as tendências abarcadores se coloca ênfase em uma necessidade objetiva de dar uma espécie de “conclusão” confiável a uma série de ideias, muitas das quais se pautam em uma “inconclusibilidade” congênita dos processos que descrevem. A “inconclusibilidade” é uma das ideias chave de Bakhtin, relacionada com os conceitos de devir e de processo. É um paradoxo inerente a esse fenômeno.

4) Com a aceitação dos estudos bakhtinianos no curriculum universitário são planejadas a distribuição dos temas, a formação dos *readers* e de materiais de leitura que, por força, são fragmentários.

5) Inerente a essa situação de ensino e de produção editorial, se dá o fenômeno de uma *política de conhecimento*, quando a

³¹ CLARK, HOLQUIST, 1984.

³² MORSON, EMERSON, 1990.

³³ KANAIEV, 2009.

misteriosa herança bakhtiniana (segue sendo pelas condições específicas de produção e difusão da obra) se submete a interpretações e explicações, assim como uma determinada manipulação do material, em forma ideologizada. Esse assunto deu ensejo a interessantes e produtivas polêmicas que lançaram polarizações em torno desse tópico. Um caso destacado dessas confrontações polêmicas se deu entre Morson-Emerson como autores de uma “prosaica” e seus detratores Clive Thomson e Anthony Wall³⁴.

6) Então, podemos marcar como uma das consequências dos processos da *Bakhtin Industry* uma *ideologização*. Não é homogênea, mas sempre presente e contraditória. Houve tendências “conservadoras” e “progressistas”, ambas podem ser justificadas apelando à obra do Círculo. Há um Bakhtin teológico e há um Bakhtin marxista, por exemplo. Hoje em dia sabemos já, em parte graças a Walter Benjamin, que a distância entre as duas posturas não é tão irreduzível como antes parecia (podemos falar, um pouco ironicamente, da unidade e da luta entre contrários), mas segue havendo funções contrastantes.

7) Entre as consequências, sem dúvida, positivas, a moda Bakhtin permitiu reforçar a posição dos pesquisadores dentro das instituições educativas, para conseguir fundos necessários que levaram a cabo diversos projetos e ganharam espaços acadêmicos e editoriais.

8) Nesse contexto, e graças aos patrocínios institucionalizados e às vezes fundos privados, se dão encontros internacionais entre os pesquisadores, se promovem estudos interdisciplinares.

9) São impulsionados os projetos de tradução e de unificação de terminologia. Não apenas nos territórios anglofalantes, mas

³⁴ Esas discusiones se dieron en la revista *Diacritics*, en que Wall y Thomson (1993a) introdujeron una cuestión, que fue respondida por Morson y Emerson (1993) y tuvo réplica de Wall y Thomson (1993b) (Cf. BUBNOVA, 2016, 89-90). Tradução: Essas discussões deram-se na Revista *Diacritics*, em que Wall e Thomson (1993a) introduziram uma questão, que foi respondida por Morson e Emerson (1993) e teve sua réplica por Wall e Thomson (1993b). (Cf. BUBNOVA, 2016, p. 89-90).

também na América Latina, na Costa Rica, na Argentina, entre outros.

10) O processo de difusão do bakhtinismo vai do conhecido ao desconhecido, explicando ou comparando Bakhtin com outras tendências e fenômenos do pensamento. Surgem múltiplos estudos e projetos do tipo “Bakhtin e Heidegger”, ou “Bakhtin e o romantismo alemão”, etc. Inclusive é válida a projeção da cultura japonesa ou da antropologia filosófica mesoamericana (visão do mundo dos povos originários). Em muitos casos, a tendência resultou produtiva e descobriu vasos comunicantes entre as ideias de Bakhtin e as correntes filosóficas e visões de mundo mais diversas.

11) A presença da *Bakhtin Industry*, creio, reforçou as posições dos estudiosos no país de origem de nosso pensador, que, ao princípio, na União Soviética, estavam em uma situação marginal, sobretudo com respeito aos apoios governamentais, porque mesmo assim havia reflexões e se estabeleciam diálogos. Com as mudanças geopolíticas conhecidas, os bakhtinistas russos fortificaram seu próprio espaço de diferentes maneiras, às vezes, paradoxalmente, com a ajuda de fundos estrangeiros. Assim começou a revista *Dialog, Karnaval, Khronotop*, a princípio de forma muito modesta, graças ao esforço do recentemente falecido Nikolai Pan'kov.

12) As orientações dos estudos bakhtinianos russos em geral foram muito distintas em comparação com os “ocidentais”: majoritariamente se tratou de localizar Bakhtin em seu próprio contexto e no pensamento russo. Se as tendências francesas, por exemplo, eram nos albores da década de 70, marxistas, e posteriormente o grupo de Sheffield se identificou como neomarxista também, os russos trataram de reconstituir o contexto da filosofia religiosa e o ambiente cultural do simbolismo russo, em meio do qual Bakhtin se havia formado. Também, o vínculo de Bakhtin com a filosofia alemã neokantiana e especificamente com a hermenêutica, começou na Rússia e, independentemente, pelo que parece, na escola de Constanza.

Em resumo, é possível dizer que o fenômeno *Bakhtin Industry*, manifestando-se em um princípio em uma ótica crítica, deu origem a revisões críticas, ainda que praticamente jamais autocríticas. Mas, por outra parte, a mesma extensão e, inclusive, certa banalização da difusão das ideias permitiu uma aproximação mais detida e séria, devido às consequências práticas que, em parte, tratei de enumerar. O próprio auge dos estudos bakhtinianos na América do Sul, a saber, na Argentina e no Brasil, também se deve em um princípio ao mesmo tema, e deu origem à formação de grupos de estudos sérios, de publicações valiosas, de visões críticas fundamentadas e, sobretudo, de uma ampliação das aproximações multi- e interdisciplinares. Por exemplo, um espaço da relação de Bakhtin e suas ideias com a música, permitiu um importante desenvolvimento no Brasil. Já havia começado estudos nessa área, até onde sei, a pesquisadora franco-polaca Ma. Pierrette Malcuzyński. Seria muito frutífero que acontecesse uma interação entre as duas vertentes dos estudos bakhtinianos. Sei que foi teorizado até o desenho gráfico desse ponto de vista, mas há cortes muito legítimos em estudos históricos, sociológicos, filosóficos, pedagógicos, psicológicos, etc. ademais dos estudos do discurso, que evoluíram em contato com as ideias bakhtinianas.

NBS: Professora Bubnova, como uma leitora atenta que dedicou muitos anos de estudos ao Círculo de Bakhtin, gostaria que a senhora indicasse obras que considera fundamentais para a compreensão da obra bakhtiniana de alguns estudiosos do Círculo russo. Agregando às indicações, na medida do possível, alguns comentários sobre porque indicar tais textos que considera importantes para compreender a teoria dialógica ou para desenvolver as leituras que ajudem a aprofundar questões dos textos do grupo russo.

TB: Estimado Nathan: de nenhuma maneira me considero uma leitora universal, ou conhecedora exaustiva da bibliografia dos intérpretes bakhtinianos. Vou indicar alguns autores e/ou títulos

que considero importantes, com a reserva de que é fundamental levar em consideração a etapa dos estudos bakhtinianos em que esses estudos foram realizados. Apresentei a razão disso nas respostas anteriores: diante de tudo, devem-se descartar as afirmações qualificativas dos bakhtinistas, ou as interpretações globais, baseadas no desconhecimento, por razões óbvias, da totalidade do panorama, do que até mais ou menos 1990 estavam ausentes materiais em torno do texto *Para uma filosofia do ato ético*³⁵, fragmento de um manuscrito de 1924, publicado pela primeira vez em russo, com recortes da censura, em 1986. E, ademais, a perspectiva ideológica desde a qual se fazem as múltiplas apresentações de Bakhtin, em várias línguas, inclusive o russo, deve ser considerado também. Exemplo que tratei anteriormente: Bakhtin como marxista, ou Bakhtin na perspectiva marxista, frente ao Bakhtin da tradição da filosofia religiosa russa.

Julia Kristeva, com seu artigo introdutório ao qual já me referi, com seu prefácio à tradução francesa da *Poética de Dostoiévski*³⁶, e também com sua tese de doutorado sobre *Petit Jehan de Saintré*, ou seja, todos esses textos foram influentes na primeira etapa dos estudos bakhtinianos, e a tese é um modelo interessante de “aplicação” das ideias bakhtinianas a textos remotos. Com efeito, nesse prefácio, *“Une poétique ruinée”*, as afirmações conclusivas resultaram ao mesmo tempo prematuramente controversas e proféticas. A ausência de uma teoria do sujeito de que Kristeva acusa Bakhtin é resultado, justamente, de uma falta de acesso normal à herança bakhtiniana e, portanto, é uma afirmação insustentável. E a presença de um matiz (“voz?”) “surdamente cristão” sim, resultou uma intuição assertiva. Em geral, os bakhtinólogos russos consideraram, precocemente, o enfoque de Kristeva como uma interpretação com a “exatidão ao contrário”. Não aceitaram a inscrição das ideias bakhtinianas como marxistas e como afins a uma semiótica dura, que caracterizava o pensamento

³⁵ BAJTÍN, 1997.

³⁶ BAKHTINE, 1970.

de Kristeva naquela época. É a partir dessa apresentação de 1966 que os seguidores consideraram Bakhtin como “pós-formalista” ou inclusive como formalista somente. Nessa esteira, a apresentação de Kristeva foi incalculável, pela seriedade e profundidade da penetração, pela própria autoridade intelectual do contexto em que inscreveu Bakhtin. Não se trata de uma aproximação frívola ou totalmente errática, de nenhuma maneira. É uma aproximação de uma pessoa de muito talento que atua pautando-se em materiais acessíveis de origem limitada e incerta.

Farei uma afirmação que contém uma apreciação da influência de Bakhtin no contexto francês devido a Kristeva, sem dúvida. É uma apreciação que não está muito em uso. Mas a própria Kristeva, em 1997, reconhece no estudo que Roland Barthes realizou sobre Sarrazine, de Balzac, intitulado *S/Z*, a presença catalítica daquela apresentação de 1966. Eu mesma tive uma intuição semelhante, ao ler pela primeira vez *S/Z* já conhecendo Bakhtin, mas sem fundamentos dessa ordem naquele momento. Por minha parte direi que *Palimpsestes*³⁷, de Gérard Genette, representa, segundo minha intuição, um caso similar, ainda que o próprio teórico francês não o reconhecesse.

Logo, a seguinte etapa foi indubitavelmente *Mikhaïl Bakhtine le principe dialogique*³⁸, de T. Todorov, em 1981. Uma aproximação importante, que contém, por outra parte, uma espécie de acusação dissimulada da postura ética de Bakhtin com respeito aos membros do que hoje se chama Círculo de Bakhtin, V. Volóshinov e P. Medvedev, que faleceram durante a década trágica de 1930, um doente, o outro, fuzilado.

Ademais de Kristeva e Todorov, pioneiros no contexto francês, os norte-americanos sem dúvida têm a prioridade e o mérito de uma difusão do pensamento do pensador russo. Em primeiro lugar, Michael Holquist e Katerina Clark, com seu *Mikhail Bakhtin*, de 1984. Simultaneamente, Michael Holquist teve um acesso

³⁷ GENETTE, 1982.

³⁸ TODOROV, 1981.

precoce aos materiais sobre a filosofia ética de Bakhtin, o que se reflete no livro mencionado como em outros textos de Holquist, tais como *Architectonics of Answerability* e *Dialogism*³⁹. Em geral, a tendência filosófica (kantiana) que contém a interpretação de Holquist é muito importante. Todavia, há dois fatos que se deve adiantar sobre o livro de 1984. As notícias biográficas que o livro contém são obsoletas e não devem ser levadas em conta para biografias. As interpretações biologicistas do dialogismo encontraram posteriormente críticas fundamentadas.

Outros dois estudiosos norte-americanos que tiveram uma enorme influência no mundo acadêmico são Gary Saul Morson e Caryl Emerson. Emerson publicou, em 1984, sua tradução do livro seminal de Bakhtin: Mikhail Bakhtin, *Problems of Dostoevsky's Poetics*⁴⁰. É uma edição comentada, com aparato crítico excelente: prefácio, glossário, notas e índice de nomes e matérias, o que é muito importante, com uma prestigiosa introdução de Wayne C. Booth, famoso teórico norte-americano.

Morson e Emerson publicaram juntos diversos textos importantes, entre eles o mais notável é, sem dúvida, *Mikhail Bakhtin: Creation of a Prosaics*⁴¹. Um estudo fundamental, com a tendência de inscrever Bakhtin, com seu dialogismo, no contexto da filosofia pragmática norte-americana do século XX. É importante a adaptação do léxico inglês aos conceitos dificilmente traduzíveis de Bakhtin, que se leva a cabo nesse livro. Dito isso, posso fazer duas observações pessoais à obra de Morson e Emerson, um trabalho muito valioso. Os autores introduzem uma interpretação básica do dialogismo mediante um termo por eles criado *prosaics*, que reflete em geral a tendência à filosofia pragmática americana, o que reflete, também, a desestimação da tendência mais “idealista” sem dúvida presente no pensador russo. O termo aristotélico “poética” se substitui, nessa interpretação, pela

³⁹ HOLQUIST, 1990a; 1990b.

⁴⁰ BAKHTIN, 1984.

⁴¹ MORSON, EMERSON, 1990.

tendenciosa “prosaica”. “Poiesis” (ποίησις), como se sabe, significa “criação” e, inclusive, um fazer, “qualidade da ação de fazer”, como pode saber qualquer um que visitar um dicionário online. “Poio” (ποι) inclusive agora significa fazer. De fato, a *Poética de Dostoiévski* não se encontra tão longe dos conceitos dos formalistas como pretendem, com sua prosaica, Morson e Emerson. A prosaica como definição de todo o pensamento de Bakhtin contém em si já uma interpretação, se seguimos ao próprio pensador russo em sua concepção da comunicação. Podem me contestar que o próprio Bakhtin separa conceitualmente, em sua compreensão do romance, a prosa da poesia lírica. O que não quer dizer que ele considerasse a obra de Dostoiévski como uma espécie de poesia lírica; ao contrário. Por isso digo que a introdução do conceito de prosaica é, em si, uma interpretação.

Certamente, os russistas e bakhtinistas Morson e Emerson não são amantes da obra de Dostoiévski, mas todo o contrário. É paradoxal, mas é assim. Bakhtin dizia que a ideia da polifonia se deu a partir de Dostoiévski.

Outro comentário que cabe é o rechaço crítico de Morson e Emerson de toda a teoria do carnaval, ao considerá-lo como um conceito contrário à filosofia ética bakhtiniana e a sua teoria do sujeito. Para comentar essa postura, remeto à extensa resenha mencionada de Anthony Wall e Clive Thomson, cuja postura compartilho.

Caryl Emerson, ademais, tem muitos importantes livros e artigos escritos por conta própria sobre Bakhtin e as tendências em seus estudos. É notável *Os cem primeiros anos de Mikhail Bakhtin*⁴², livro que permitiu o acesso dos estudiosos que desconhecem a língua russa às tendências filosóficas dos pensadores russos tanto atuais como dos princípios do século XX. Era o ambiente intelectual em meio ao qual Bakhtin se formou.

Em espanhol, particularmente, valeria a pena que os interessados se dirigissem ao legado de Iris M. Zavala.

⁴² EMERSON, 1997.

Especialmente seus livros sobre Rubén Darío (*Bajo el signo del cisne*), sobre Ramón del Valle-Inclán (*La musa funambulesca. Poética de la carnavalización en Valle-Inclán*), e sobre Miguel de Unamuno (*Unamuno y el pensamiento dialógico*). Também *Escuchar a Bajtín*, textos nos quais essa pesquisadora desenvolve os conceitos bakhtinianos em relação à cultura hispânica de uma maneira muito produtiva, logrando inscrevê-lo nos contextos culturais atuais.

No âmbito hispânico, convém recordar os estudos de Bénédicte Vauthier sobre Unamuno, editados pela Universidade de Salamanca.

NBS: Professora Bubnova, ao final dessa viagem pela recepção e as questões da tradução de Bakhtin e seu Círculo, percebemos que pesquisar a teoria desses estudiosos é tarefa para muitos anos ainda. Os enigmas, assim, estão ainda por ser desvendados. Hoje em dia, levando em consideração essa perspectiva de obras completas já publicadas, com a maior parte delas em tradução em diferentes línguas, a senhora indicaria um itinerário específico de leituras para alguém que começará a ler os textos bakhtinianos? Em outras palavras, se a senhora vê que há obras fundamentais pelas quais se deve começar e seguir um caminho que tenha essa ideia mais ou menos “evolutiva” da reflexão do Círculo? Ou se devemos escolher uma entrada específica?

TB: Para uma iniciação nos estudos bakhtinianos, me parece adequado repetir, ao princípio, o caminho que percorreu a crítica desde a emergência da figura de Bakhtin “descoberta” por Kristeva para o mundo ocidental, lendo seus textos mais impactantes. É, ao mesmo tempo, o itinerário dos “descobridores” soviéticos do pensador, os filólogos S. Bocharov, V. Kozhinov, G. Gáchev e alguns outros, cuja passagem seguiria J. Kristeva, que quis fazer de Bakhtin “legível” para o público culto e ainda erudito da França, lá por 1967. Era uma época do despontar do pós-estruturalismo, da desconstrução. Por isso naquele contexto Bakhtin foi interpretado em presença de interlocutores inesperados, que o ouviram e

desenvolveram desde seu próprio horizonte: Barthes, com *S/Z*, Genette com *Palimpsestos*. O mais efetivo seria aproximar-se ao conceito central de Bakhtin, a polifonia vinculada ao dialogismo, deixando provisionalmente de lado os “intertextos”, vendo com olhos outra vez novos, através de um clássico da literatura mundial como F. M. Dostoiévski, uma das chaves mais “legíveis”, para um leitor novato dessa teoria, mas interessado na literatura universal. Bakhtin escrevia sua *Poética de Dostoiévski* no período do centenário do grande escritor russo (1821-1881). Esse [2021] é o ano do bicentenário de Dostoiévski. Momento adequado para fazer a honra da leitura do grande romancista e a seu mais profundo intérprete.

E o seguinte texto sim, indubitavelmente, seria o livro sobre *Rabelais*, que nas traduções aparece com títulos diferentes (como, por exemplo, *Rabelais and His World*), texto que introduz a ideia do caráter emblemático do carnaval e os fenômenos sociais que lhe são afins, com respeito à chamada “cultura popular do riso”. É uma aproximação à cultura anterior à modernidade, cujos rastros se conservariam nos fenômenos magistras da grande cultura como algo marginal, mas resistente à desaparecimento e implicitamente subversivo. Por mais utópica e geral que fosse a visão bakhtiniana da cultura popular do riso, nos remete a uma concepção da história da humanidade que, por mais que nem sempre se ajuste a fenômenos históricos concretos, é em contrapartida muito iluminadora com respeito à relação entre o popular e o “oficial” na cultura e tem, como se observou, uma marcada função heurística para a reflexão sobre o significado da comicidade popular, o grotesco, o “corpo popular” bicorporal inacabado, e sua vinculação simbólica à natureza e ainda ao cosmos, etc.

Mas o texto mais importante e inspirador é, para mim, *A palavra no romance* (ou *O discurso no romance*, ou até *O enunciado no romance*, de acordo com as preferências de um tradutor concreto). É um estudo que nos submerge na filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin de uma maneira que permite vinculá-la, posteriormente, mediante leituras sobre a ética, a estética e a teoria

do conhecimento em sua versão bakhtiniana, com a visão global do mundo do pensador russo. Com efeito, esse texto apresenta vasos comunicantes com as colocações do *Rabelais*. Como se pode ver, não proponho um itinerário cronológico, que é o adequado para “obras completas” ou um estudo especializado, porque, em primeiro lugar, o próprio autor não conseguiu, por razões históricas agora conhecidas, publicar seus primeiros textos, alguns dos quais não representam mais que apenas rascunhos mal conservados. Todos aqueles textos (*Para uma filosofia do ato ético*, *Problema do conteúdo, do material e da forma na atividade estética*, *Autor e herói na atividade estética*, assim como os publicados sob os nomes de Volóshinov e Medvedev, nos quais a medida da intervenção bakhtiniana não está clara), são muito importantes. Mas os trabalhos autógrafos são teorias de leitura difícil e conceitos cuja origem é preciso estudar a parte, e os “deuterocanônicos”, ou seja, os assinados por Volóshinov e Medvedev, sendo muito iluminadores, tem um enfoque “sociológico” inesperado depois da leitura dos primeiros três muito filosóficos. O mesmo status de *Para uma filosofia do ato ético* e *Problema do conteúdo...*, textos teóricos e polêmicos, de tendência crítica para correntes filosóficas que não eram afins aos interesses ideológicos da época, e finalmente nunca publicados na década dos vinte, e o status de *Marxismo e filosofia da linguagem* (de fato, derivado de uma tese de doutorado) e *O método formal nos estudos literários*, uma crítica filosófica ao formalismo russo que se lê, desde a perspectiva atual, como demasiado contemporizadora com o ataque oficial aos formalistas -, todos aqueles textos prévios ao *Dostoiévski* e ao *Rabelais* necessitam um comentário contextual muito consistente para um leitor novato. Essas leituras seriam um passo posterior.

No que se refere a *A palavra no romance* (c. 1935), que representa uma aproximação global ao fenômeno literário a partir de uma concepção original da linguagem, texto que tem por referência obras da literatura mundial e textos clássicos da literatura russa, se trata de uma obra apaixonante que, em seu aparente didatismo às vezes simplista, encobre múltiplos paralelos com a ética, a estética

e a teoria do conhecimento de Bakhtin, e expõe sua concepção global da cultura através de uma ótica quase sociolinguística, mas também profundamente filosófica.

Explica o dialogismo em uma forma que se aproxima ao poético e ao tom dos apotegmas ao mesmo tempo. Quiçá não resultasse útil para construir uma teoria do gênero do romance baseada em textos concretos e retoricamente ordenada, mas representa, pelo contrário, uma visão do universo humano concebido em termos da palavra dialógica, explicada através da gênese e das tendências históricas do gênero do romance. Não se inscreve em uma “narratologia”, é mais representativo de uma filosofia do romance projetada através de uma filosofia dialógica da linguagem.

Esclareço que essa visão verbocentrista bakhtiniana do horizonte humano não implica, de nenhuma maneira, uma substituição da “realidade” pela palavra, como já tentaram interpretar Bakhtin. É uma concepção do mundo como cultura, que necessariamente passa pela expressão verbal e, mais ainda, pela expressão linguístico-discursiva, ou comunicativa. O mundo se interpreta, se concebe, se compreende (provisoriamente) no diálogo entre indivíduos, sociedades e culturas. O diálogo produz sentidos, garantia de nossa sobrevivência como gênero e espécie, garantia de um futuro. Somente a memória pode avançar, nunca o esquecimento, diz Bakhtin. E não se trata de uma memória codificada geneticamente, mas novamente adquirida e passada adiante pela palavra.

NBS: Professora, fico agradecido pela oportunidade e a generosidade em aceitar esse convite à reflexão, estou certo que a discussão que logramos levar a cabo nessa entrevista lança luz nova a muitas questões de nossa teoria. Certamente nossa entrevista vai produzir muitas respostas e inquietudes em quem quer que sejam nossos leitores.

Referências

BAJTÍN, M. M. Autor y personaje en la actividad estética. In. BAJTÍN, M. M. *Estética de la creación verbal*. Traducción Tatiana Bubnova. México: Siglos XXI editores, 1982c, p. 13-191.

BAJTÍN, M. M. *Estética de la creación verbal*. Traducción Tatiana Bubnova. México: Siglos XXI editores, 1982a.

BAJTÍN, M. M. *Hacia una filosofía del acto ético*. De los borradores y otros escritos. Comentarios de Iris Zavala y Augusto Ponzio. Traducción del ruso de Tatiana Bubnova. Barcelona: Anthropos, 1997.

BAJTÍN, M. M. La palabra en la novela. In. BAJTÍN, Mijaíl M. *Teoría y estética de la novela*. Tradução H. Kriukova e V. Cazcarra. Madrid: Taurus, 1989a, p.77-237.

BAJTÍN, M. M. Problema del contenido, material y forma en la actividad estética. In. BAJTÍN, Mijaíl M. *Teoría y estética de la novela*. Tradução H. Kriukova e V. Cazcarra. Madrid: Taurus, 1989c, p.13-77.

BAJTÍN, M. M. Problema del texto en la lingüística, la filología y otras ciencias humanas. Ensayo de análisis filosófico. In. BAJTÍN, M. M. *Estética de la creación verbal*. Traducción Tatiana Bubnova. México: Siglos XXI editores, 1982b, p. 294-324.

BAJTÍN, M. M. *Teoría y estética de la novela*. Tradução H. Kriukova e V. Cazcarra. Madrid: Taurus, 1989b.

BAJTÍN, M. M., Obras reunidas, t. 1, ed., (En ruso). Moscou: Russkie Slovarei-Iazyki Slavianskoï Kultury, 2003 [БАХТИН, М. М., *Собрание сочинений*, том 1, Русские словари – Языки Славянской Культуры, Москва, 2003].

BAJTÍN, M.M. (MEDVEDED, P.N.). El método formal en los estudios literarios. Introducción crítica a una poética sociológica. Traducción Tatiana Bubnova. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

BAKHTIN, M. M. *Rabelais and this world*. Trad. K. Pomorska. Cambridge: Massachusetts Institute of Tecnology, 1968.

BAKHTIN, M.M. *Problems of Dostoevsky's poetics*. Translated by Caryl Emerson. Introduction by Wayne C. Booth. London: University of Minnesota, 1984.

- BAKHTINE, M. M. *La poétique de Dostoievski*. Tradução I. Kolitcheff. Paris: Éditions du Seuil, 1970.
- BARTHES, R. *Le degré zéro de l'écriture*. Paris: Le Seuil, 2015.
- BENJAMIN, W. La tarea del traductor. In. *Illuminations*. Trad. Harry Zohn. Nueva York: Schocken Books, 1969.
- BUBNOVA, T. Bajtín y la hermenéutica. *Interpretatio*. V. 5. N. 1, marzo-agosto, 2020: p. 49-68.
- BUBNOVA, T. Bakhtin: tradução inversa. In. ZANDWAIS, A. VIDON, L. *A pesquisa sob o enfoque do Círculo de Bakhtin*. Vitória: EDUFES, 2019, p. 15-41.
- BUBNOVA, T. *Do corpo à palavra: leituras bakhtinianas*. Organização, tradução e notas de Nathan Bastos de Souza. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.
- BUBNOVA, T. Prólogo: Valentín Nikoláievich Volóshinov (1894-1936), El marxismo y La filosofía del lenguaje y el Círculo de Bajtín. In. VOLÓSHINOV, v. N. *El marxismo y la filosofía del lenguaje*. Tradução e prefácio de Tatiana Bubnova. Buenos Aires: Ediciones Godot Argentina, 2009, p. 5-15.
- CLARK, K. HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Cambridge: Belknap Press, 1984.
- EMERSON, C. *The first hundred years of Mikhail Bakhtin*. Princeton: Princeton University Press, 1997.
- GENETTE, G. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982.
- HOLQUIST, M. *Dialogism. Bakhtin and his world*. London: Routledge, 1990.
- HOLQUIST, M. Introduction: the architectonics of answerability. In. BAKHTIN, M.M. *Art and answerability: early philosophical essays*. Edited by Michael Holquist and Vadim Liapunov. Translated and notes by Vadim Liapunov. Austin: University of Texas Press, 1990.
- HOLQUIST, M.; LIAPUNOV, V. *The Architectonics of Answerability: Early Philosophical Essays by M.M. Bakhtin*. Austin: University of Texas Press, 1990.
- KANAIEV, I. El vitalismo contemporáneo. Traducción Tatiana Bubnova. In. BRAIT, B. *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009, p.139-165.
- KRISTEVA, J. Une poétique ruinée In. BAKHTINE, Mikhail M. *La poétique de Dostoievski*. Tradução I. Kolitcheff. Paris: Éditions du Seuil, 1970, p. 5-27.

KRISTEVA, J. [1967] Bakhtine, le mot, le dialogue et le roman, *Critique*, Paris, Minuit, t. 236, 438-465 (repris dans *Semeïotikè, recherches pour une sémanalyse*, Paris, Seuil, 1969, 82-112).

LUNDQUIST, J. *The Novelness of Bakhtin*. London: Museum Tusculanum Press, 2000.

MEDVEDEV, P. *La méthode formelle en littérature: introduction à une poétique sociologique*. Éd. Critique et trad. De B. Vauthier et R. Comtet. Toulouse: PUM, 2008.

MORSON, G. S. EMERSON, C. Imputations and Amputations. Reply to Wall and Thomson. *Diacritics*. V. 23, N. 4, 1993, p. 93-99.

MORSON, G.S.EMERSON, C. Mikhail Bakhtin: creation of a prosaics. Stanford: Stanford University Press, 1990.

NAVARRO, D. (1997), *Intertextualité*. Francia en el origen de un término y el desarrollo de un concepto. La Habana: Casa de las Américas, Embajada de Francia en Cuba, 1997.

RECTOR, M. El código y el mensaje del carnaval: Escolás de Samba. In. Eco, U. IVANOV, V. RECTOR, M. *¡Carnaval!* México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

TODOROV, T. Mikhail Bakhtine: le principe dialogique. Paris: Seuil, 1981.

VAUTHIER, Bénédicte, *Arte de escribir e ironía en la obra de Miguel de Unamuno*. Salamanca: Universidad, 2004.

VOLÓCHINOV, V.N. *Marxisme et la philosophie du langage*. Traducción Patrick Sériot e Inna Tylkowsi-Ageeva. Limoges: Lambert-Lucas, 2010.

VOLÓCHINOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de S. Grillo e E. V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLOSHINOV, V. *Marxism and the philosophy of language*. Trad. L. Matiejka e I. Titunik. Londres-Cambridge: Harvard University Press, 1973.

VOLOSHINOV, V. N. *El marxismo y la filosofía del lenguaje*. Traducción de Tatiana Bubnova. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

VOLÓSHINOV, Valentín N. *El marxismo y la filosofía del lenguaje*. Prólogo y traducción de Tatiana Bubnova. Buenos Aires : Ediciones Godot Argentina, 2009.

VOLOSHINOV, Valentín N. *El signo ideológico y la filosofía del lenguaje*. Tradução do inglês de R. M. Rússovich. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1976.

WALL, A. THOMSON, C. Chronic Chronotopicity: Reply to Morson and Emerson" In. *Diacritics* (1993b) V. 24 N. 4, p. 71-77.

WALL, A. THOMSON, C., Cleaning Up Bakhtin's Carnival Act In. *Diacritics*. V. 23. N. 2 (1993a), p. 47-70.

ZAVALA, I. M. *Escuchar a Bajtín*. Barcelona: Montesinos, 1996.

ZAVALA, I. M. *La musa funambulesca. Poética de la carnavalización en Valle-Inclán*. Madrid: Orígenes, 1990.

ZAVALA, I. M. *Rubén Darío bajo el signo del cisne.* , San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1989.

ZAVALA, I. M. *Unamuno y el pensamiento dialógico*. Barcelona: Anthropos, 1991.

Tatiana Bubnova

É responsável por traduzir a maior parte das obras e é importante divulgadora das ideias de Bakhtin e seu Círculo em língua espanhola. É graduada na Universidade Estatal de Leningrado (São Petersburgo), com especialidade em Literatura Hispânica. Fez estudos de doutorado no Colégio do México (1975-1978), com especialidade na literatura do Século de Ouro. Pesquisadora no Instituto de Investigações Filológicas da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) desde 1979. É professora na Faculdade de Filosofia e Letras da UNAM desde 1982. Publicou no Brasil diversos artigos, ademais do livro *Do corpo à palavra: leituras bakhtinianas* (BUBNOVA, 2016).

Nathan Bastos de Souza

Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em que obteve também seu título de mestre, na mesma área. Graduado em Letras – Português, Espanhol e respectivas literaturas pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Bagé. Têm experiência em pesquisas fundamentadas na teoria dialógica do Círculo de Bakhtin. Atua como tradutor no par português-espanhol, especialmente nas áreas de educação, letras e ciências humanas. Professor substituto do Magistério superior na Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, atuando na área de Linguística e Língua Portuguesa no curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

ISBN: 978-65-5869-823-4 [Digital]



Pedro & João
editores